

K-Dramas e Telenovelas Brasileiras: Representações do Mundo do Trabalho¹

Ligia Prezia LEMOS²
Murilo Machado MACARRONI³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Neste artigo fazemos uma reflexão a respeito das representações (JODELET, 1986) do mundo do trabalho (FÍGARO, 2008) da Coreia do Sul e do Brasil, em K-dramas e telenovelas brasileiras. Vistas como narrativas complexas (MITTELL, 2012), buscamos algumas obras que apresentassem a realidade de diferentes profissões, seu dia a dia e respectivos modos de fazer (DECERTEAU, 2008). Seleccionamos dez ficções, cinco de cada país, em amostragem aleatória, por conveniência e não probabilística e, por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e categorização realizamos análises comparativas. Concluimos que, para cada sociedade, a ficção televisiva seriada aponta para diferentes modos de integração e importância do mundo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE:

K-Dramas; ficção televisiva seriada; mundo do trabalho; representações; teledramaturgia.

Este artigo nasceu da observação de que, de um modo geral, as representações do mundo do trabalho na ficção televisiva sul-coreana, nos chamados K-dramas, enfatizam as práticas do cotidiano das profissões retratadas e seus ambientes ocupacionais, são fiéis às dinâmicas presentes em diferentes realidades, valorizam detalhes de procedimentos profissionais, revelando competências necessárias, normas e valores a serem seguidos, além indicar alguns erros e desvios profissionais comumente cometidos. Tal maneira de enxergar e retratar diferentes profissões, procedimentos e locais de trabalho dentro - e totalmente inserida - na trama da ficção televisiva seriada difere da maneira brasileira,

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção televisiva Seriada, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, USP, com Pós-doutorado pela mesma instituição. Vice Coordenadora do GP Ficção Televisiva Seriada da Intercom. Pesquisadora do GELiDis, Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (ECA-USP) e do ObEEC, Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação (UFMA). E-mail: ligia.lemos@gmail.com.

³ Mestrando em Ciências da Comunicação na ECA-USP. Graduado em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo. Pesquisador do GELiDis, Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (ECA-USP). Membro do Grupo de Pesquisa em Mídia e Cultura Asiática Contemporânea (MidiÁsia-UFF). E-mail: murilo3713@outlook.com e murilo3713@usp.br

mais dada a um estereótipo que não seria apenas “uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação” (BHABHA, 2013, p. 130). Isso não significa que todas as obras brasileiras se apoiam apenas na estereotipagem em suas construções do mundo do trabalho, porém, podemos afirmar que se distanciam do aprofundamento presente nas ficções sul-coreanas.

O termo K-drama é originário da junção das palavras Korean e drama, que compreende a produção narrativa seriada da Coreia do Sul⁴. Apesar de possuir no nome o termo “drama” o formato não se limita ao gênero drama e apresenta, muitas vezes, mais de um gênero em sua narrativa. O termo “drama” é usado para identificar a dramatização que ocorre da narrativa, já que o K-drama possui influência do melodrama, das narrativas melodramáticas, encontrando nessa fórmula narrativa a chave para seu desenvolvimento, pois se atualiza com o passar do tempo, gerando novos sentidos em diferentes públicos (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Os primeiros dramas sul coreanos abordavam fatos históricos do país, já os atuais hibridizam aspectos da cultura sul-coreana com elementos de complexidade narrativa (MITTELL, 2012) - em arcos dramáticos longos e curtos - contendo em sua história, drama, ação, romance, suspense, comédia, terror.

A inspiração para o formato do K-drama surgiu do Japão e seus *trendy dramas*, as primeiras produções seriadas que se tornaram o termômetro da população japonesa em meados dos anos 80. Abordando elementos presentes na vida moderna da sociedade japonesa da época, os *trendy dramas* alcançaram sucesso, principalmente com as jovens mulheres japonesas que estavam ganhando espaço no mercado de trabalho e consequentemente poder de consumo (HUANG, 2011). Esse modo de retratar a vida real, com suas glórias e batalhas, abordando temas do cotidiano influenciou grande parte da indústria televisiva dos países do leste-asiático a seguirem o mesmo formato (MAZUR, 2018). Assim, a Coreia do Sul adaptou o formato dos *trendy dramas* para a realidade local, incorporando elementos de sua cultura nas narrativas (YANG, 2007). Elementos

⁴ Apesar de algumas controvérsias quanto ao termo dorama, pode-se afirmar que os k-dramas são doramas. Dorama é um termo guarda-chuva, que abrange obras asiáticas que pertencem a culturas de diferentes identidades e localizações geográficas. O termo dorama se originou no Japão, onde a produção ficcional de TV é chamada de *television drama* que, na oralidade, soa como *terebi dorama*. Os doramas podem ser japoneses (J-dramas), coreanos (K-dramas) – nosso objeto de estudo no presente trabalho –, chineses (C-dramas), tailandeses (T-dramas ou *lakorns*), de Hong Kong (HK-dramas), taiwaneses (TW-dramas).

do Confucionismo⁵ foram os primeiros norteadores dessa construção narrativa dos K-dramas. Aspectos da formação da sociedade sul-coreana como o patriarcado, o respeito aos mais velhos e a importância da família estão presentes nas narrativas dos K-dramas (KIM, 2003), sendo que, por vezes, transparecem em forma de conflitos narrativos.

Os K-dramas são estruturados, em geral, por temporadas únicas de oito a vinte episódios, podendo ser de número menor ou maior, em casos específicos ou em decorrência de alta ou baixa audiência. Os episódios possuem aproximadamente 1 hora de duração, são exibidos à noite, horário nobre das emissoras coreanas; sendo que o formato de temporada única possibilita acomodar o enredo, com início, meio e fim, sem dar margens para possíveis continuções. As narrativas dos dramas sul-coreanos possuem poucos núcleos de personagens, com foco direcionado aos protagonistas e ao enredo central (MADUREIRA, MONTEIRO E URBANO, 2014).

Com o objetivo de observar o mundo do trabalho presente tanto nos K-dramas quanto nas telenovelas trazemos o conceito de representações sociais. Há todo um campo de investigação em torno da representação social, conceito que busca unir a linguagem ao universo ideológico; o simbólico ao imaginário social; e constitui-se como amplo objeto de estudo, com dimensões históricas, sociais e culturais (JODELET, 1986; HALL, 2016; MOSCOVICI, 2001), sendo que cultura pode ser vista como um conjunto de valores ou significados partilhados (HALL, 1997). Algumas formas de representações definem comportamentos e indicam caminhos para membros de determinados grupos e chegam até a sugerir objetivos, procedimentos e modos de agir. As representações sociais organizam as percepções imaginárias e simbólicas de determinado grupo, tanto na forma como ele mesmo se percebe quanto na maneira que a sociedade o enxerga. Integram as relações humanas presentes na sociedade e, também, são transmitidas pelos meios de comunicação que modificam “a resposta do público segundo suas expectativas e desejos” (JODELET, p. 472).

As representações sociais possuem formas variadas como, por exemplo, imagens com significados, sistemas de referência, categorias classificatórias, teorias, formas que visam a conduzir e interpretar a realidade cotidiana e determinar certo conhecimento social, por meio de indicações de posições e pertencimentos. Por esta razão, pensar as

⁵ Sistema filosófico chinês criado por Confúcio, baseado em princípios morais, políticos, pedagógicos e religiosos.

formas de representação de determinadas profissões em obras de ficção televisiva seriada pode nos auxiliar a compreender como a sociedade encara e dá significado ao mundo do trabalho. E isto pode ser diferente de uma sociedade para outra, de uma cultura para outra, como percebemos ao observar mais detidamente essas representações em obras da Coreia do Sul e do Brasil. A forma que fazemos as coisas, pensamos, elaboramos, e representamos é que gera significado; ou seja, o que colocamos de nós no que fazemos é que dá significado às coisas. Por essa razão, as representações estão tão ligadas às nossas identidades e formas de fazer, gerando significados compartilhados, por meio da linguagem - lembrando que as linguagens são sistemas de representação (HALL, 1997) - que, em nosso caso, se refere à linguagem da ficção televisiva seriada.

Na ficção televisiva seriada, as representações do mundo do trabalho dependem inteiramente de condições históricas, políticas e culturais de determinado momento, em determinado local. Crises econômicas, políticas públicas, tecnologias, mudanças de modelos de atuação profissional alteram o imaginário e, conseqüentemente, a concepção dramaturgica de determinada atividade profissional. Utilizamos a conceituação de Fígaro (2008) para mundo do trabalho como uma categoria ampla, difusa e complexa, e que representa

o conjunto de fatores que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, o meio ambiente em que se dá a atividade, as prescrições e as normas que regulam tais relações, os produtos delas advindos, os discursos que são intercambiados nesse processo, as técnicas e as tecnologias que facilitam e dão base para que a atividade humana de trabalho se desenvolva, as culturas, as identidades, as subjetividades e as relações de comunicação constituídas nesse processo dialético e dinâmico de atividade. Ou seja, é um mundo que passa a existir a partir das relações que nascem motivadas pela atividade humana de trabalho, e simultaneamente conformam e regulam tais atividades. É um microcosmo da sociedade, que embora tenha especificidade, é capaz de revelá-la (FÍGARO, 2008, p. 92).

As representações do mundo do trabalho na ficção televisiva seriada podem gerar efeitos duradouros, além de regular práticas sociais. Neste artigo, nosso objetivo foi observar como países tão distantes, com história, cultura, política, filosofias e discursos circulantes tão diferentes, compreendem, se apropriam e representam seus contextos profissionais.

Percurso metodológico

Em termos metodológicos, realizamos revisão bibliográfica e exposição teórica para, então, partir para a descrição e análise de nosso objeto de estudo. Para seleção das ficções seriadas, nossa amostragem foi aleatória, por conveniência, sem objetivo de generalização. Inicialmente realizamos uma pesquisa exploratória com o objetivo de verificar a presença de representações do mundo do trabalho em obras da Coreia do Sul e do Brasil. Tivemos como enfoque a presença de aspectos relacionados à explicitação de um universo que revelasse o ambiente profissional e cotidiano das atividades. A seguir procuramos paralelos e, por fim, chegamos a uma seleção de cinco obras de cada país, que nos permitiram realizar uma análise comparativa (Quadro 1).

Quadro 1 - Títulos analisados⁶

TÍTULOS COREIA DO SUL	TÍTULOS BRASIL	MUNDO DO TRABALHO / PROFISSÃO
1. ANOTHER MISS OH (Viki e Netflix, 2016)	1. ETA MUNDO BOM! (Globo, 2016)	Estúdio de Som / Estúdio de Rádio SONOPLASTA
2. MISTY (Netflix, 2018)	2. A FAVORITA (Globo, 2008)	Telejornal / Jornal impresso JORNALISTA
3. IT'S OKAY TO NOT BE OKAY (Netflix, 2020)	3. AMOR À VIDA (Globo, 2013)	Hospital Psiquiátrico / Hospital CUIDADOR / ENFERMEIRO
4. CHOCOLATE (Netflix, 2019)	4. VIVER A VIDA (Globo, 2009)	Unidade de Cuidados Paliativos PROFISSIONAIS DE SAÚDE
5. MY SHY BOSS (Netflix, 2017)	5. GERAÇÃO BRASIL (Globo, 2014)	Grandes empresas PROFISSIONAIS DE MARKETING / TECNOLOGIA

Fonte: Os autores

Adiante apresentamos descrição de aspectos específicos relacionados ao mundo do trabalho nas obras selecionadas - com paralelos Coreia do Sul e Brasil - com a finalidade de embasar uma análise comparativa. Utilizamos técnicas de análise de conteúdo para descrição e classificação das representações do mundo do trabalho e, para constituir a análise a que nos propusemos, elaboramos sistematização de categorias (BARDIN, 1977) a partir do conceito de representações do mundo do trabalho. Chegamos, assim, a cinco categorias:

1. Ambiente profissional retratado;
2. Técnicas e tecnologias utilizadas;

⁶ Optamos por colocar os títulos dos K-dramas em inglês. No texto do artigo utilizamos também sua tradução para o português, quando assim foram divulgados no Brasil. Estão entre parêntesis os serviços de streaming que disponibilizavam os títulos quando da escrita do presente artigo, em julho de 2022. Os anos citados na tabela referem-se ao ano de produção/estreia das obras nos países de origem.

3. Forma de agir, comportamento profissional do(s) personagem(ns);
4. Indicação da forma de pensar do(s) personagem(ns);
5. Relações de comunicação presentes na atividade retratada.

Além dessas categorias, consideramos também, se fosse o caso, dados referentes à história cultural; transformações culturais e políticas; e alterações em termos de treinamento, formação ou atuação profissional - que influenciam diretamente as representações analisadas. Os aspectos estilísticos⁷ foram observados apenas nos casos em que exerceram influência ou modificaram os discursos correntes na própria obra. Vale, ainda, destacar que algumas das obras analisadas retratam realidades de diferentes mundos do trabalho, - o K-drama *Misty*, por exemplo, retrata o telejornal, o tribunal, a delegacia, o escritório de advocacia, porém selecionamos apenas o telejornal - e fizemos um recorte das profissões/trabalhos a serem analisados, em geral aquele de maior destaque em determinada narrativa, deixando de lado outras, menos relevantes para os objetivos desta pesquisa.

O mundo do trabalho na ficção televisiva seriada da Coreia do Sul e do Brasil:

Another Miss Oh / A outra Oh Hae Young (Viki e Netflix, 2016) e Éta Mundo Bom! (Globo, 2016)

Na série sul-coreana **Another Miss Oh** o protagonista Park Do-kyung (Eric Mun), engenheiro de som, trabalha como diretor de sonoplastia e é proprietário de um estúdio, chamado *Movie Sound*, **ambiente profissional retratado** em todos os 18 episódios da série. Esse ambiente também se estende para fora do estúdio propriamente dito, em atividades externas de gravação. Temos, portanto, em todos os episódios, a oportunidade de ver **técnicas e tecnologias** utilizadas para a condução e explicitação de modos de fazer (DE CERTEAU, 2008) como, por exemplo: materiais e equipamentos e suas formas corretas de utilização (como manejar diferentes gravadores, o microfone *boom*, a ilha de edição); como simular sons de chuva, de tiros, de passos, de lutas, de animais, de máquinas; como gravar sons de arquivo em ambientes como bares, restaurantes, ao ar livre, no campo, na praia, de dia, de noite; como inserir os sons nos filmes, as minúcias, os cortes, as correções. Também é possível distinguir com clareza a inserção da profissão

⁷ Entre os aspectos estilísticos consideramos: componentes visuais e sonoros, enquadramentos e composições de cena, iluminação, sonoplastia, diálogos e outros recursos audiovisuais (PUCCI, 2014).

na narrativa e integrando a vida de Park Do-kyung em seu **comportamento profissional**, pois ele está constantemente ensinando novos procedimentos para seus funcionários, indo a diferentes locais para pesquisar sons, descobrindo novas técnicas; é perfeccionista com seu trabalho, possui equipamentos em casa e os utiliza constantemente, se incomoda com ruídos e é atento aos menores detalhes sonoros do ambiente: “Você fingiu que estava entrando, mas seus passos não vieram da rua, apareceram de repente” ou “Seus sapatos *soam* desconfortáveis”. O personagem **indica sua forma de pensar** por meio de atitudes como preocupação com a qualidade e confiabilidade do trabalho - ao apresentar resultados para cineastas parceiros; em sua forma de constantemente ensinar os funcionários as sutilezas da profissão; ao buscar nova colocação profissional para seus funcionários quando o estúdio precisa fechar as portas; em sua atenção às atividades administrativas e de relação com os empregados. O mundo do trabalho da sonoplastia, dentro da diegese, **forma relações de comunicação** entre os personagens, estimula diálogos e composições de cenas. Está integrado à narrativa e - claro - dialogando com a própria sonoplastia da série, às vezes como metanarrativa, às vezes como uma graça.

O mundo do trabalho da sonoplastia também está presente na telenovela brasileira **Êta Mundo Bom!** em um produto de narrativa transmídia: a radionovela Herança de Ódio⁸, “uma webnovela sobre uma radionovela que integrava a narrativa de uma telenovela” (LEMOS, 2017, p. 102). O **ambiente profissional** é um antigo estúdio de rádio onde acontecem as gravações da radionovela, com atores exercendo diferentes papéis e um sonoplasta que trabalha com acessórios inusitados. O uso das **técnicas e tecnologias** possui um caráter cômico, quase estereotipado, devido aos materiais sonoros utilizados. Porém, depois de alguns capítulos percebe-se que essa abordagem não se desenvolve, apresenta constantemente a mesma dinâmica, com o sonoplasta assustando ou zombando dos atores. Esse **comportamento profissional** estereotipado faz com que o que era engraçado nos primeiros capítulos se torne enfadonho com o passar do tempo em quase 100 capítulos. Por outro lado, tanto atores quanto sonoplasta agem objetivando uma boa solução de conflitos na equipe, que reflita positivamente na produção da radionovela. A **forma de pensar** dos personagens, apesar de explicitada, não revela muito de sua consciência profissional ou de classe e, por isso, questões mais profundas

⁸ Atualmente apenas alguns capítulos estão disponíveis em vídeo em <https://globoplay.globo.com/v/4748904/>. A obra completa, com 96 capítulos, está disponível apenas em áudio em: <https://open.spotify.com/show/2WJpQZShR5JOPSK9K6Ifnn>.

referentes às **relações de comunicação** sobre a atividade de sonoplastia no mundo do trabalho não avançam.

Mesmo com origem, formato e gênero diferentes, as duas obras apresentam algumas semelhanças, especialmente no que tange às técnicas e tecnologias mostradas no mundo do trabalho apresentado. Porém, a obra sul-coreana vai além, revelando detalhes, particularidades da profissão e dos profissionais, e questões específicas que a envolvem; com roteiro que integra a profissão à diegese, apontando para uma ênfase na ética do trabalho, na filosofia das relações profissionais e difundindo a profissão de maneira séria, interessante e integrada à trama da série.

Misty / No Ar (Netflix, 2018) e A Favorita (Globo, 2008)

A série sul-coreana **No Ar** se insere no universo do jornalismo, retratando o **ambiente** em que trabalha a repórter e âncora Go Hye-ran (Kim Nam-joo), apresentadora do telejornal News 9, da JBC News. Parte da trama se passa na redação, estúdio e outros ambientes da emissora, como sala de reuniões, de edição, de maquiagem, de arquivo, camarins, *switcher* e sala do diretor de redação. A série também exhibe algumas cenas de recepção do telejornal na diegese, tanto em ambientes internos quanto em telões pela cidade de Seul. Entre os **comportamentos profissionais** que podemos destacar estão a agitação de colocar o telejornal no ar, as atividades dos profissionais envolvidos, as responsabilidades de cada um, as diferentes posturas dos personagens jornalistas em reuniões sobre assuntos de trabalho e as disputas por poder e ascensão na carreira. O manuseio de equipamentos no *switcher* como seleção de imagens, operacionalidade dos controles, sistema de comunicação interna, são algumas das **técnicas e tecnologias** demonstradas pelos personagens; assim como a via de comunicação da ordem dos assuntos a serem noticiados, reuniões de pauta, uso do *teleprompter*, maneiras de realizar modificações de última hora, particularidades dos enquadramentos, iluminação, maquiagem e figurino. A pressa e a urgência são as características que dominam a **forma de agir e pensar** dos personagens, trazendo mais energia a cenas de competição exacerbada e disputas de poder. Também são apresentadas inúmeras formas de **relações de comunicação** entre os personagens sobre sua atividade profissional, com destaque para o processo de reestruturação do jornal, com debates acalorados sobre a substituição da âncora por uma profissional mais jovem; e a influência de determinado patrocinador

na veiculação ou não de notícias. Diferentes temáticas são abordadas e discutidas, tais como: ética da profissão, checagem dos fatos, conceitos de verdade e mentira, fabricação de notícias, relações humanas e perspectivas de carreira, entre outras.

A telenovela brasileira **A Favorita** traz o mundo do trabalho em que se insere o jornalista Zé Bob (Carmo Dalla Vecchia). O **ambiente profissional** retratado é a redação do jornal impresso “O Paulistano”, que fica em uma sala ampla onde vemos vários profissionais, alguns digitando, outros ao telefone, outros conversando e alguns poucos mais relaxados, descansando em suas estações de trabalho. As principais **técnicas e tecnologias** utilizadas são o notebook em que Zé Bob trabalha na redação e em sua casa, sempre escrevendo; telefone fixo e celular que usa para checar fontes; máquina fotográfica e gravador que leva em reportagens. O personagem é mulhereengo, não segue estritamente hierarquias, exibe um **comportamento profissional** rebelde ao perseverar em investigar um político corrupto; mostra que gosta de polêmicas e insiste em denunciar negociatas de políticos. Apesar dessas características, no decorrer da narrativa vai se mostrando honesto, culto e idealista. No final da trama, foi o seu trabalho que levou o político ligado à máfia de tráfico de armas à prisão. Sua **forma de pensar** é revelada de acordo com suas qualidades de bom jornalista “que correm no imaginário da sociedade” (SILVA, 2012, p. 135) como: procura fontes confiáveis e realiza suas investigações em qualquer horário, do dia ou da noite; não tem alto salário; mora no centro da cidade e seu carro popular é velho e amassado; leva uma vida arriscada e sofre atentados devido à sua profissão. Suas **relações de comunicação** na redação do jornal são limitadas a conversas com a chefe de redação, Tuca (Rosi Campos) e uma colega jornalista, Maíra (Juliana Paes), sendo que os outros profissionais presentes na redação funcionam apenas como figuração.

Diferentemente da obra sul-coreana, não são mostradas em *A Favorita* as relações e dinâmicas profissionais da redação, questões que envolvem outros personagens, problemáticas ou interações do dia a dia; o foco é tão somente Zé Bob e sua relação com as duas personagens mencionadas. O detalhamento das relações, do ambiente profissional e as particularidades de cada um dos personagens presentes da obra sul-coreana oferece uma riqueza de pormenores que amplifica a narrativa, aproximando-a de uma representação - real ou ideal - do mundo do trabalho dos jornalistas naquele país. Observa-se, ainda, que as práticas dos jornalistas na telenovela brasileira “não se apresentam

associadas à realidade (...) cada vez mais precarizada, pela sobrecarga de trabalho, terceirização do trabalho e ausência das garantias do vínculo empregatício” (SILVA, 2012, p. 23), o que também pode indicar uma defasagem relativa ao âmbito do real frente ao ficcional nesta telenovela.

It's okay to not be Okay / Tudo Bem Não Ser Normal (Netflix, 2020) e Amor À Vida (Globo, 2013)

It's Okay To Not Be Okay retrata o mundo do trabalho **ambientado** no Hospital Psiquiátrico OK, onde o protagonista Moon Kang-Tae (Kim Soo-Hyun) trabalha como auxiliar de enfermagem, lidando diretamente no trato cotidiano dos pacientes. O hospital se situa em um local litorâneo, com um grande jardim, local de convívio dos pacientes. É amplo, com largos corredores ligando os quartos e alas separadas por gênero ou para pacientes mais graves. A recepção é um grande salão que por vezes se torna área de encontro entre pacientes, profissionais e visitantes. Na escadaria há uma parede branca e vazia, que se transforma em mural, onde o personagem Moon Sang-Tae (Oh Jung-Se) desenvolve suas habilidades artísticas. Entre as **técnicas e tecnologias** utilizadas temos equipamentos hospitalares, de cuidado, aparatos tecnológicos e o emprego de técnicas de acolhimento e trato com os pacientes. É perceptível a atenção dos funcionários perante situações com pacientes mais graves, e o uso de terapias especiais, como leitura em grupo, por exemplo. Enfermeiros, cuidadores e psiquiatras revelam **comportamentos** que evidenciam a exigência de prudência do profissional, pois ocorrem situações cada vez mais desafiadoras à medida que a narrativa se desenrola. A série nos dá acesso à **forma de pensar** dos personagens a partir de autorreflexões em momentos vividos com os pacientes e, também, do próprio Kang-Tae com seu irmão, autista, quando observamos seu senso de responsabilidade e disposição para melhorar suas experiências e práticas. Também compreendemos as mudanças na forma de pensar da personagem autora de livros Moon-Young (Seo Ye-Ji), que participa dos tratamentos usando a sala de estudos para debater suas obras. As **relações de comunicação** entre os funcionários do hospital refletem, apesar das diferenças, uma união em prol do cuidado com os pacientes, expondo uma proximidade, em que é perceptível a dedicação e entrega dos profissionais.

O **ambiente profissional** da novela **Amor à Vida** é o Hospital San Magno, administrado pela família dos personagens principais, a família Khoury. É possível ver durante a novela, vários núcleos profissionais do hospital, entre eles, alas principais como

pediatria, núcleo da protagonista Paloma (Paolla Oliveira), clínica médica, obstetrícia, pronto socorro, e a administração, onde muito do enredo é desenvolvido. As **técnicas e tecnologias** utilizadas são em sua maioria ferramentas de utilização comum no hospital como estetoscópios, máquinas de ultrassom e aparatos cirúrgicos. É interessante destacar que também são exploradas técnicas e equipamentos tecnológicos da área de administração, pois boa parte da ação do enredo se concentra no núcleo administrativo do hospital e no relacionamento hierárquico da chefia com os secretários. O **comportamento profissional** de Félix (Mateus Solano) na relação com seus funcionários é de exagerada imposição hierárquica sobre os demais funcionários do hospital, o que difere das atitudes dos personagens de Paloma e do presidente do hospital, César (Antonio Fagundes). Sobre o **profissionalismo e a forma de agir e pensar**, percebe-se que quase todos os funcionários se mostram capazes nas técnicas de acolhimento e trato com os pacientes, predicados para o profissional da saúde. O enredo aborda questões sociais da vida pessoal de alguns funcionários do hospital e, por vezes, estas influenciam na atividade profissional. Por outro lado, algumas atitudes dentro do ambiente do hospital influenciam suas vidas pessoais, estabelecendo um intertexto entre a vida social dos personagens e sua vida profissional, tornando complexas não só suas formas de agir e pensar, como também seus relacionamentos e a comunicação dentro do ambiente profissional. As **relações de comunicação**, impactadas por questões vividas dentro e fora do ambiente profissional, se mostram conflitantes e complexas, causando divergências de ideias, fios condutores da narrativa.

Como as obras possuem enredos que situam seus ambientes profissionais em locais que lidam com saúde, são perceptíveis algumas semelhanças entre o mundo do trabalho de ambas, como o comportamento profissional no trato com os pacientes, bem como as atitudes e as relações de comunicação. Mesmo assim, é pertinente destacar que as representações do mundo trabalho nas duas narrativas são distintas. Em *It's Okay To Not Be Okay* há uma centralidade do mundo do trabalho no hospital psiquiátrico, com interações narrativas que enfatizam a importância do cuidado com o paciente de saúde mental, bem como a representação de crítica social quanto a aceitação destes pacientes na sociedade. Já em *Amor à Vida* - em que salientamos que a temática da saúde mental não é o foco do enredo - é perceptível que apesar de algumas tramas girarem em torno do hospital, estas não se relacionam especificamente a esse mundo do trabalho.

Chocolate (Netflix, 2019) e Viver A Vida (Globo, 2009)

Na série **Chocolate**, um acidente que lesionou sua mão leva o médico neurocirurgião Lee Kang (Yoon Kye-sang) a trabalhar na Unidade de Cuidados Paliativos Geosung, que integra a rede de hospitais de propriedade - e disputas de poder - de sua família. Distante do centro urbano, em uma ampla área verde, o **ambiente profissional** se situa num limite de tensão em que, de um lado, está a consciência da morte próxima de todos os pacientes que ali estão internados e, de outro, a empatia de acompanhar com tranquilidade esse processo. O exterior da unidade possui jardim, horta e quadras esportivas em que pacientes e funcionários circulam e exercem suas atividades. Internamente vemos principalmente os quartos, além do refeitório, cozinha, enfermaria e centro médico de emergência. São mostradas **técnicas e tecnologias** utilizadas tanto na profissão médica quanto na gastronomia, pois as práticas culinárias estão totalmente integradas à diegese. Temos, assim, de administração de medicamentos até procedimentos de ressuscitação; e de preparo de ingredientes, como descascar cebolas, até a distribuição de pratos específicos para alérgicos, traumatizados ou pacientes com sequelas de tratamentos agressivos. O diretor da unidade, a enfermeira chefe, o médico responsável e a chef de cozinha exibem um **comportamento profissional** que visa o tempo todo o bem-estar dos pacientes. Estes são recebidos na unidade com abraços e palavras de esperança, participam de momentos agradáveis, encontros, reuniões e festas, com conversas ou silêncios afetuosos, comidas favoritas, jogos e brincadeiras. Alguns profissionais rompem determinadas regras, como sair da unidade com os pacientes, a fim de satisfazer alguma necessidade ou último desejo, revelando, assim, suas **formas de pensar**. O diretor chega a explicitar seu pensamento algumas vezes, como quando diz, no episódio 9: “é claro que precisamos de médicos que salvam vidas, mas acho que também deveria haver médicos que acompanham os pacientes até o fim para que possam descansar em paz, mesmo que não possam mais continuar o tratamento”. As **relações de comunicação** são fluidas entre os profissionais representados, que compreendem as necessidades dos pacientes, combinam processos, buscam entender linguagens diferentes e providenciam melhorias. Além disso, a comunicação afetuosa imprime um significado especial a pequenas coisas, como a atualização do mural de fotografias “Fragmentos das nossas memórias” com cenas alegres de pacientes que já morreram, ao lado de funcionários e algumas mensagens por escrito.

Em **Viver a Vida** a personagem Ariane (Christine Fernandes), médica em início de carreira, é especialista em cuidados paliativos e atua no **ambiente profissional** do hospital Santa Terezinha das Rosas, onde há uma área específica para este setor da medicina que cuida de doentes em estado grave e terminal, buscando humanizar a relação médico-paciente. Ali também trabalha sua amiga Ellen (Daniele Suzuki). Entre as poucas **técnicas e tecnologias** abordadas na trama, destacamos os capítulos em que a paciente Marta (Gisela Reimann), que tem câncer, precisa raspar os cabelos. O momento é compartilhado com os personagens do marido (por quem mais tarde Ariane se apaixona) e da filha da paciente. Ariane é uma profissional que tenta conciliar sua carreira com os cuidados com o filho, mas sofre porque seu trabalho é exaustivo física e emocionalmente. Entende que seu **comportamento profissional** deve apresentar certa leveza e tranquilidade para lidar com os pacientes, porém, muitas vezes não consegue. Sua **forma de pensar** transita entre a vocação e a culpa de não conseguir conciliar o trabalho e a vida pessoal, e tem medo de morrer e deixar o filho sozinho. As **relações de comunicação** em seu trabalho no hospital são burocráticas, sem maiores aprofundamentos e se limitam a pontos administrativos ou procedimentais.

O mundo do trabalho apresentado na série sul-coreana é coeso, impactante e inteiramente integrado à narrativa. Questões relativas aos pacientes cruzam o enredo e tecem tramas paralelas com os protagonistas, enriquecendo tanto uma quanto outras histórias. Isso não acontece nesta obra brasileira em que o mundo do trabalho se assemelha mais a um cenário, um pano de fundo para uma história bidimensional, mais focada no romance e em questões pessoais da personagem.

My Shy Boss / Introverted Boss (Netflix, 2017) e Geração Brasil (Globo, 2014)

A história de **My Shy Boss** se passa na empresa de relações públicas Brain e enfoca o CEO, o personagem Hwan-Ki (Yeon Woo-Jin), que é um líder estranho e misterioso, que perambula furtivamente pelos departamentos, buscando se esconder. Porém, logo no início da série já se compreende as razões pelas quais ele ocupa uma posição de destaque – e que dialoga com certo conceito de hierarquização presente no sistema capitalista (FÍGARO, 2008). Por mais que o personagem não seja exigente ou rígido, sua posição lhe imputa essa máscara para esconder sua real personalidade, de uma pessoa que sofre de fobia social, é introspectiva e bondosa. O **ambiente profissional** revela a acirrada concorrência na busca por clientes, falcatruas, roubo de ideias e planos

corporativos. No edifício onde se localiza a empresa, destaca-se o grande e original escritório do CEO e sua maneira de trabalhar. No primeiro episódio já se podem ver **técnicas utilizadas** pelas companhias de comunicação, em uma reunião de *pitching*, onde são apresentadas ideias para divulgação do musical Turandot, com estratégias de adequação e flexibilização de planos de negócios. As **tecnologias utilizadas** também são comuns em publicidade e relações públicas, como o uso de computadores a câmeras para ensaios e produção de vídeos. A timidez do personagem influencia muitos aspectos de sua vida, inclusive seu **comportamento profissional**. Sua forma de agir é sempre dissimulada e retraída, evita falar com os funcionários, usa roupas pretas com capuz que cobre seu rosto. Isto não impede que ele atue com brilhantismo nos projetos criativos que concebe - e que outra pessoa apresenta e coloca em prática. Assim, apesar de tímido, o personagem demonstra possuir qualidades que o levaram à posição de CEO como, por exemplo, quando forma a equipe principal com os - aparentemente - piores funcionários da empresa, indicando que apenas ele seria capaz de enxergar o potencial de cada um e demonstrando, assim, sua original **forma de pensar**. Na Brain há um co-CEO, Kang-U-il (Yoon Park), com personalidade distinta, extrovertido, confiante e cheio de energia, o que acaba contrastando e flexionando as **relações de trabalho e de comunicação** e, ainda, revelando a enorme pressão psicológica daquele ambiente de trabalho.

A **ambientação profissional** de **Geração Brasil** é a Marra Corporation, uma empresa de tecnologia inspirada nas grandes multinacionais do Vale do Silício. O enredo é focado nos jovens promissores do mundo do trabalho e voltado para a tecnologia e desenvolvimento. Temos, portanto, um ambiente com muitas liberdades funcionais, característico das empresas deste tipo e propício para o aperfeiçoamento de capacidades criativas. As **técnicas e tecnologias** utilizadas são aparatos de última geração, computadores, monitores de *led* com telas *touchscreen*, drones, patinetes motorizados para auxiliar o profissional no deslocamento interno da empresa. Também podemos ver técnicas empregadas com base no conceito de programação, desenvolvimento de programas e jogos de computadores, de aplicativos para celular, de páginas de internet e redes sociais. O **comportamento profissional** se apresenta de acordo com a geração jovem de profissionais, responsáveis, um pouco rebeldes e com posição hierárquica pouco definida - porém, organizada de forma que o CEO Jonas (Murilo Benício), dono da empresa, seja o chefe de equipe. A **forma de agir e pensar profissionalmente** dos

funcionários por vezes se mostra impulsiva, cheia de ação e instinto e isso se apoia na figura do chefe, mais ativo, flexível, que pensa mais, e é o centralizador das ideias da equipe. As **relações de comunicação** ocorrem de forma singular, muitas vezes através de dispositivos eletrônicos, pelos quais os funcionários se comunicam entre si e com o chefe, o que revela flexibilidade nas relações e evoca a representação do jovem no mundo do trabalho.

As duas ficções abordam o mundo dos negócios, com empresas que possuem interessantes personalidades na liderança, atuando tanto na administração quanto na chefia imediata de equipes de trabalho. Entretanto, possuem formas diferentes de agir. Enquanto o personagem Hwan-Ki é tímido, com dificuldades de se expressar, Jonas Marra é expressivo, expansivo, ativo e eloquente. Essa diferença impacta seu universo de trabalho bem como o enredo das ficções. Destacamos nas duas obras as relações hierárquicas e o poder conferido às chefias e as apresentações de negócios, especialmente em *My Shy Boss*, embasadas em técnicas e comportamentos profissionais apoiados na realidade.

Algumas conclusões e questões a considerar

O colorido e a profusão de detalhes - e tramas integradas - referentes ao mundo do trabalho nos K-dramas analisados aumentam a cada episódio, dando às obras um aspecto de solidez que, por vezes, parece quase documental. Isto ocorre, por exemplo, no caso da série *Misty* em que parece que estamos testemunhando dias normais em um estúdio de telejornal. Já nas telenovelas brasileiras analisadas notamos que a intenção inicial de revelar o mundo do trabalho não se mantém e vai se esvaindo conforme o tempo de exibição vai passando. Ou seja, a representação do mundo do trabalho se dá de forma aparentemente coesa, mas tal coesão vai se enevoando e perdendo significado e importância na narrativa. Isso fica claro no caso de *Viver a Vida*, por exemplo, em que as questões pessoais da personagem vão se sobrepondo cada vez mais à problemática dos cuidados paliativos.

A partir destas considerações, podemos trazer para a discussão os modos que a ficção televisiva seriada representa o mundo do trabalho de diferentes profissões e coloca em discussão sua integração e importância para cada sociedade. Fica evidente, então, como a ficção de cada país retrata a forma que nós, sujeitos sociais, “aprendemos os acontecimentos da vida diária, as características de nosso meio ambiente, as informações

que por ele circulam, as pessoas do nosso entorno próximo ou distante” (JODELET, 1986, p. 473). É como se a ficção televisiva seriada tivesse o poder de mostrar como é o trabalho do dia a dia de diferentes profissões, em diferentes situações.

Considerando que as representações sociais também podem ser observadas como um discurso, compreendemos que suas propriedades sociais se originam “numa situação de comunicação, de pertencimento social dos sujeitos que falam e da finalidade de seu discurso” (JODELET, 1986, p. 479). Ora, isto pode trazer alguns questionamentos. O que nos diz o discurso da Coreia do Sul sobre os diferentes mundos do trabalho em seu país, dados a conhecer tão profundamente pela ficção televisiva seriada? O que nos diz o discurso do Brasil sobre os seus? Por que eles se desvanecem em meio a narrativas pessoais? Por que ficam de lado em relação à trama? Por que soam desimportantes? São perguntas que nos ocorreram e que, certamente, merecem aprofundamento.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FÍGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **ORGANICOM**, São Paulo, n. 9, p. 90-100, 2008.
- HALL, Stuart. **The work of representation**. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HUANG, Shuling. Nation-branding and transnational consumption: Japan-mania and the Korean Wave in Taiwan. **Media Culture Society**, 33: 3, 3-18. 2011.
- JODELET, Denise. **La Representación social: fenómenos, concepto y teoría**. In: MOSCOVICI, S. Psicología social: pensamiento y vida social, 2. Barcelona: Paidós, 1986. p.469-494.
- KIM, Sukhyon. **Korean Cultural Codes and Communication**. International Area Studies Review, 6: 93, 93-114. 2003.
- LEMOS, Lúcia Maria Preziosa. **O autor-roteirista e a ficção televisiva brasileira na era transmídia**. 2017. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi: 10.11606/T.27.2017.tde-31052017-104815. Acesso em: 2022-07-12.
- MADUREIRA, Alessandra Vinco A. Calixto; MONTEIRO, Daniela de Souza Mazur; URBANO, Krystal Cortez Luz. **Fãs, Mediação e Cultura midiática**: Dramas Asiáticos no Brasil. 2014. Trabalho de Disciplina (Entretenimento Transmídia) - Universidade Federal de São Carlos, 2014.

-
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MAZUR, Daniela. **Um mergulho na Onda Coreana, Nostalgia e Cultura pop na série de K-drama “Reply”**. (Dissertação de mestrado) PPG em Comunicação. Universidade Federal Fluminense, 2018
- MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. **MATRIZES**, v. 5, n. 2, p. 29-52, 13 jun. 2012.
- MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (org.) **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p.45-66.
- PUCCI, Renato Luiz. Inovações estilísticas na telenovela: a situação em Avenida Brasil. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 675-697, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16648/11811>. Acesso em: junho 2022.
- SILVA, Adaci Aparecida Oliveira Rosa da. **O mundo do trabalho dos jornalistas na realidade e na ficção**. Uma análise comparativa do perfil do profissional e dos discursos da telenovela sobre as práticas do jornalista. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.27.2012.tde-17052013-121519. Acesso em: 2022-07-12.
- YANG, Jonghoe. **Globalization, nationalism, and regionalization**: the case of Korean popular culture. *Development and Society*, 36: 2, 177-199. 2007.